



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A SOLIDÃO DA MULHER CONTEMPORÂNEA EM “ALAMEDA SANTOS”, DE IVANA ARRUDA LEITE

**Giovanna de Araújo Leite – Autarquia do Ensino Superior de Garanhuns -
AESGA**

Antônio de Pádua Dias da Silva – Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

1 INTRODUÇÃO

O livro “Alameda Santos”, escrito pela autora brasileira Ivana Arruda Leite, oriunda da cidade de Araçatuba, interior do Estado de São Paulo, é uma transcrição de nove fitas ficcionais (cassetes) gravadas e narradas por uma personagem narradora, típica paulistana.

Ivana Arruda Leite é mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo e é conhecida por escrever textos literários que abordam a mulher, fato este que já se percebe em autores como Silva (2009) que se debruçaram atenciosamente para estudar a escrita feminina desta autora. A escritora já escreveu livros que abordam assuntos de interesse de toda sociedade contemporânea e, principalmente, da mulher contemporânea do final do século XX e século XXI.

O livro de estudo deste artigo é “Alameda Santos”, cujo texto é formado por nove fitas narradas por uma personagem narradora em primeira pessoa relatando a fala de uma mulher típica do meio urbano que vive de maneira intensa à procura da realização amorosa. A narradora relata sua vida amorosa, profissional, familiar, espiritual, política, social e sexual, sendo que cada gravação retrata os finais dos anos de 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991 e 1992.

Destaca-se neste artigo o estudo deste livro porque ele é um registro curioso dos pensamentos de uma mulher imersa em um contexto contemporâneo em que se tem ao seu alcance toda liberdade possível de ir e vir sem estar presa a conceitos morais ou conservadores. Trata-se de uma mulher que expressa livremente suas emoções, seus desejos, busca por seus sonhos, mas que também enfrenta o desafio inevitável da



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

solidão, por não conseguir encontrar o afeto desejado nos homens aos quais se relaciona.

Silva (2009) aborda o termo escrita feminina como a produção literária exclusivamente de mulheres e os assuntos ou motivos literários, são vistos como elementos sustentadores dessa categoria e são inerentes às mulheres e melhor representadas por estas.

A cada relato narrado, percebe-se a construção de uma mulher corajosa, livre, enérgica, inteligente, sensível que busca encontrar o desejo do seu coração: o amor. E nesta incessante busca pelo amor, nota-se nas nove transcrições das fitas (ficcionalis) que a narradora está sempre acompanhada da solidão, mesmo que em suas narrativas haja a presença de outros personagens como ex-namorados, ex-marido, ex-amante, família (pai e mãe), filha e amigos, a ‘terrível’ solidão é a grande companheira da narradora.

Neste sentido, este artigo vem problematizar a questão de como a solidão é construída no livro “Alameda Santos”.

O objetivo geral deste artigo é analisar a imagem desta solidão relatada nas nove fitas ficcionais e os objetivos específicos são descrever os aspectos marcantes que expressam a construção da solidão da personagem feminina nas nove fitas; identificar os sentimentos característicos desta mulher contemporânea e tecer considerações sobre a imagem desta mulher na escrita feminina da autora supracitada.

Justifica-se o interesse pela temática da solidão da mulher contemporânea pelo fato de se perceber que cada vez mais a mulher emancipada, culta, livre e transgressora depara-se paradoxalmente com um grande desafio atual: a dificuldade de saber lidar com a dor da solidão. Para isto, ela se desdobra em seus próprios pensamentos, atitudes e princípios a fim de que a solidão não seja a grande vilã da vida.

A metodologia utilizada neste artigo foi bibliográfica e documental, pois realizou-se uma pesquisa em livros e artigos sobre mulheres representadas na literatura de autoria feminina. Com relação ao *corpus* de estudo tomou-se o livro “Alameda Santos”, de Ivana de Arruda Leite para análise dos fragmentos mais representativos sobre a construção da solidão da mulher contemporânea.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Para fundamentar este estudo fez-se necessário realizar leituras de Silva (2009) pesquisador e autor de vários textos sobre a escrita feminina de Ivana Arruda Leite além de escrever sobre mulheres representadas na literatura de autoria feminina; Xavier (1991) que também teceu comentários sobre o feminino na literatura, e Manzoni (2010) que realizou estudos teóricos sobre a escrita feminina.

Sabe-se que “a solidão – parece ser o fim último da mulher do fim do século, da mulher autônoma-emancipada” (SILVA, 2010, p. 202). Retrata-se o peso da solidão em uma mulher emancipada, inteligente e urbana que sobrevive no corpo social à luz da dependência e da emancipação. A personagem feminina na escrita em primeira pessoa é uma espécie de representação de todas as mulheres que moram longe dos pais, mantém relacionamentos puros, tem relações efêmeras, mas que, no dizer de Silva (2010, p. 295) “as mulheres emancipadas, na ficção (muitas vezes reflexo da realidade empírica ou aparente), não são cooptadas para o casamento, para o relacionamento duradouro, para a constituição da família”.

2 A SOLIDÃO NA ESCRITA FEMININA DE IVANA ARRUDA LEITE EM “ALAMEDA SANTOS”

Para o referencial teórico deste artigo, buscou-se como elemento norteador, a questão da escrita feminina ao se perceber relevante o estilo feminino de se escrever na contemporaneidade. Entende-se contemporâneo, neste estudo, a produção literária escrita a partir da década de 1980 aos dias de hoje.

De acordo com Silva (2010), a literatura contemporânea pode ser delimitada nas obras produzidas a partir da década de 1980, que é constituída pela geração atual, e, neste contexto, a escritora brasileira Ivana Arruda Leite insere-se na produção literária deste período. Compreende-se, também, que a expressão “escrita feminina” é uma categoria particular, fundada no comprometimento de estudiosos com a causa, já que durante muito tempo, a educação da mulher era reservada exclusivamente às atividades do lar, para a formação de boas esposas e mães, em detrimento de uma educação crítica, emancipada, para além do universo do lar.

Como afirmam Zinani e Santos (apud Silva 2010, p. 32) as mulheres

não foram educadas para que tivessem experiências de vida (as mulheres foram historicamente, confinadas aos espaços privados, domésticos, sem a



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

vivência dos homens que circulavam pelas ruas, pelos cafés, iam à guerra e não foram educadas para que pudessem escrever como os homens.

Neste sentido, o estudo sobre a escrita feminina é fundamental, pois vem demonstrar uma “causa” em prol de que se realizem cada vez mais análises envolvendo a autoria feminina, as questões apontadas na literatura produzida pelas mulheres já que há muito tempo tal produção foi silenciada e considerada “menor” por abordar questões intimistas das próprias mulheres e de menor importância para homens já consagrados pela literatura universal.

Silva (2010) afirma em seus estudos que a produção literária escrita por mulheres relata um universo da esfera privada do lar ou do corpo e a linguagem desse universo, a oralidade, os monólogos, os diálogos corriqueiros relatam vivamente percepções advindas do universo feminino. Como bem situa Mazzoni (1998, p.06):

[...] Existe sim, uma necessidade de utilizar instrumentos provenientes dos estudos e das teorias feministas para trabalhar com um texto literário de autoria feminina, uma vez que é uma teoria engendrada nas relações de gênero que busca analisar a situação da mulher na sociedade dentro dessas produções. [...] essa outra “forma” de representar o mundo, o olhar feminino, merece um estudo diferenciado na atualidade por significar a condição de vida da mulher, que, também, é diferenciada.

Nos trechos das nove gravações de “Alameda Santos” apresenta-se justamente neste panorama de uma linguagem própria da mulher emancipada, solitária e em busca do amor, uma personagem narradora que relata minuciosamente em forma de monólogo nas fitas gravadas, suas experiências de vida.

Percebe-se, também, que a solidão é onipresente em todas as gravações, pois a personagem narradora fecha-se em seu quarto para falar sozinha em frente ao seu gravador e exprime sua angústia, tormento, dependência afetiva pelo outro de maneira única, ou seja, dramaticamente feminina.

Magalhães (apud Silva 2010, p. 39) define escrita feminina como “a produção literária que se centra em temáticas específicas do universo das mulheres e que foram negadas a elas tempos atrás”.

Percebe-se na personagem narradora do livro, um relato dos aspectos íntimos sobre sua própria vida, suas relações amorosas complicadas, complexas, da mesma



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

forma que ela mesma também é um ser humano imerso numa psique complexa e que tudo isto desemboca na solidão, colocando-a numa condição de ser e estar solitária, mesmo sendo uma mulher emancipada, inteligente, sensata, entre outros adjetivos.

Esta condição de solidão da personagem narradora de “Alameda Santos” revela uma dependência do outro a fim de que não esteja imersa na solidão, “tudo vale, menos a solidão” (grifo nosso).

No próximo tópico, abordar-se-á algumas análises de trechos extraídos das nove gravações da personagem narradora de “Alameda Santos” e, simultaneamente, serão feitos comentários sobre os trechos escolhidos envolvendo esta problemática da solidão na mulher contemporânea.

3 ANÁLISE DO ROMANCE “ALAMEDA SANTOS”

Em “Alameda Santos” a protagonista é uma personagem narradora, típica mulher paulistana, moderna e cheia de loucas aventuras para contar, pois enfrenta, ao mesmo tempo, uma solidão terrível por não encontrar verdadeiramente o seu “príncipe encantado”. Ela resolve gravar nove fitas de forma trágico-cômica expondo momentos de tristeza e solidão, sempre tendo como companhias, o vinho, a cerveja, a vodca, os cachorros e a própria “solidão” em seu quarto onde grava suas desgraças em tom dramático, irônico, trágico e, cômico.

Na fita número um, a personagem inicia seu texto desejando uma “boa noite” a todos os “presentes”, que os mesmos se divirtam e que não fiquem em paz nunca mais, pois suas histórias são realmente muito loucas. Ela se queixa de como é ruim amar uma pessoa e depois não ser amada ou valorizada, além disso, sugere dar fim à própria vida, mas infelizmente nunca encontra o objeto que possa dar um ponto final em sua vida. A ideia de suicídio está em várias passagens do romance.

Desta forma, a personagem narradora discorre inicialmente sua paixão por Eduardo, colega de trabalho que se relaciona casualmente com ela, mas não quer nada sério.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Tudo o que eu mais queria era esquecer esse cara que não me merece, que só me humilha, ofende e maltrata. Mas quem disse que eu consigo? Ele tá acabando com a minha vida, com a minha pouca vontade de viver (LEITE, 2001, p. 14).

Percebe-se que a personagem narradora desabafa dizendo que sua sina é se apaixonar por caras que não a querem. Como ela mesma relata: “Vou inventando que o meu príncipe encantado é o Eduardo, o Charles, o Miro, o Pedro, o Guto, o Tony, o Zé das Couves” (LEITE, 2010, p.14). E até comenta sobre a possibilidade de gostar de mulheres, presente no seguinte fragmento:

o que tem de mulher linda que é sapato, você não imagina. Atrizes, modelos, cantoras. Aquelas supergatas que fazem os homens babarem nas revistas masculinas estão todas lá, fazendo sabonetinho com a namorada. Um dia eu gostaria de trepar com uma mulher. Deve ser legal. Eu bem que tento paquerar com elas mas ninguém me leva a sério” (LEITE, 2010, p. 43).

A personagem dedica a fita número um a um alguém imaginário, que ela chama de “meu amor que vai chegar um dia, tenho certeza” (LEITE, 2010,p.14). Trata-se de uma busca constante, incessante, desesperada pela companhia desejada, pelo homem ou amor desejado, contudo, ela conclui ceticamente que: “pra quem tá se afogando, qualquer aceno é aceno, qualquer tábuas é a de salvação. Infelizmente, as tábuas onde eu me agarro são podres e mal aguentam a si próprias. Imagina uma mulher que pesa duas toneladas nas costas de um homem” (LEITE, 2010, p. 14).

O desabafo retrata a figura de uma mulher contemporânea, imersa em uma solidão que não acaba, pois a mesma não encontra o homem que diga “era você mesmo que eu queria. Era você que eu tava esperando” (IBDEM, p.14). Toda a desilusão de não conseguir encontrar o tão sonhado amor torna-se desejo de morrer, mas que ironicamente “toda vez que eu penso em me matar esbarro na mesma questão: eu não tenho revólver” (LEITE, 2010, p.32). O suicídio é recorrente, mas o fato em si não acontece pela ausência do revólver ou falta de coragem.

Na fita número dois em diante, a personagem relata as experiências de 1985 e reafirma sua solidão falando sozinha ao gravador e, mesmo assim, paradoxalmente, se



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

sente feliz e que não vale a pena “pirar”, mesmo que o ano de 1985 tenha sido completamente vazio de paixões.

A narradora faz uma autoanálise sobre essa angústia de todo ano querer morrer e também comenta que tudo isso é resultado também da “sociedade de consumo, passa pelo capitalismo selvagem, pelo desencantamento do mundo, pela Rede Globo e desemboca em mim” (LEITE, 2010, p. 38). Em várias passagens de outras fitas, a personagem narradora também discorre sobre a situação político, social e econômica em que o Brasil se encontrava nos anos de 1985 a 1992.

Observa-se que se trata de uma mulher lúcida que realiza uma autocrítica interna e externa da sua solidão ocasionadas pela ausência de amor próprio. Ela mesma afirma que “a angústia é um mal social que acomete a todos nós na pós-modernidade (LEITE, 2010, p. 38).

Os comentários sobre o social surgem a partir das análises em que seu país, o Brasil se encontrava, com as Diretas Já, a Morte de Tancredo Neves, o novo presidente do Brasil, José Sarney, o prefeito de São Paulo ser Jânio Quadros, o Brasil ter escolhido nas primeiras eleições com voto livre, o senador Fernando Collor de Melo para presidente da república, e, depois, as decepções sobre as denúncias de corrupção, o impeachment de Collor, tudo isso, ano após ano, é contextualizado em suas gravações ao lado de suas experiências amorosas e familiares.

É interessante observar: ao mesmo tempo em que a personagem relata que sua vida estava muito louca, paradoxalmente, no outro dia ela já consegue dar a volta por cima, tal característica é de uma mulher pós-moderna, fluida e dinâmica. É na fita número três que a narradora relata mais profundamente sobre sua relação com Charles. Homem casado com Tereza, que consegue “dividir” o mesmo homem com a narradora e o Mauro, mas sempre numa relação de muito ciúme e mentiras.

Charles é o amigo, amante, companheiro de farras e grande “amor” da narradora, mas um homem efêmero, que vive pelo momento “embora seja eterno enquanto dure”. Mesmo assim, a narradora tem com Charles o mais duradouro dos casos, pois os dois se divertem a cada encontro que se prolonga em outros encontros, sempre regados a muito



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

vinho, muito amor nos bares, nos apartamentos, nas chácaras por onde se encontram. São muitos acontecimentos narrados entre Charles e a narradora, contudo, a mesma sempre se decepciona com o caráter descompromissado e preguiçoso de Charles.

Na fita número seis, a narrador reserva um pouco da sua fala para relatar sobre sua família, isto é, seus pais. Em alguns momentos da narrativa ela conta que precisou mudar-se para a casa dos pais pois tinha perdido o emprego da Caixa. Daí, ela diz perder um pouco da sua privacidade e diz que seu quarto é sua última chance de encontrar-se a si mesma:

De vez quando eu tenho minhas depressões, acordo chorando sem coragem de levantar da cama. Mas não tem nada a ver com eles (pais) [...] quando eu canso da barulheira, vou pro meu quarto e fico lá lendo um livro ou vendo televisão. Eles respeitam minha privacidade e me deixam em paz. Nunca gostei de confusões familiares (LEITE, 2010, p. 99).

Em outro momento desta fita, destaca-se o amor pelos cachorros, a relação da narradora com os animais de estimação da casa dos pais. “Não tem coisa melhor do que amar um cachorro e ser amada por ele. É o único amor incondicional que existe neste mundo. O que sempre quis ter e não consegui” (LEITE, 2010, p. 102). É quando no sítio onde foi morar com os pais que descobre este amor pelos cachorros Barão e Princesa, realmente muito presentes na vida dela. “Eles agora moram comigo” (LEITE, 2010, p.112).

Na fita número oito, a narradora faz uma autoanálise ao fato de nunca ter dado certo com seu ex-marido, o Pedro, pai da Gabi. Pedro era um ótimo marido, os dois eram católicos praticantes e levavam uma vida tranquila, até que a personagem diz ter se cansado da monotonia da vida de casados. Eles se separam. Posteriormente, conta-se que o Pedro contrai a doença Aids e o mesmo morre.

Na sequência, a espiritualidade da narradora também é abordada, pois a mesma já tinha participado ativamente da carismática, de esoterismo, mas ao final de tudo preferia “rezar sozinha”, pois ninguém do catolicismo a aceitaria do jeito louca de ser.

Por mais que eu gostasse daquela espiritualidade, não tinha como compartilhar minha vida com aquelas pessoas. Eles jamais me aceitariam como eu era e eu não tava disposta a abrir mão disso por nada do mundo.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Abandonei o grupo e vim pra casa rezar sozinha. Essa história de confundir religião com babaquice não tá com nada (LEITE, 2010, p. 140).

Neste contexto solitário, a narradora mostra a importância também de um psicanalista na vida dela a fim de se entender melhor:

comecei a análise dia 25 de março e nunca mais parei. Duas vezes por semana, religiosamente, eu deito minha cabecinha naquele divã abençoado e deixo o Camilo fazer o que quiser comigo. O cara tá me pondo em pé de novo graças a ele, eu saí da pasmaceira que tava vivendo e tô voltando à vida (LEITE, 2010, p.140).

A angústia da personagem em busca de paz, de companhia, de autoconhecimento, espiritualidade, amor, tranquilidade profissional, independência não cessam. A ausência de tudo isso no outro traduz-se na palavra solidão. Ela tem a amizade de Charles nas farras, nas loucuras de amor, mas não encontra nele responsabilidade e seriedade para viver um relacionamento sério com o mesmo.

Na fita número nove, a última do romance, retrata-se a última grande decepção da personagem, saber que Charles, seu amante, ao ir à Europa conhece um rapaz pelo qual se apaixonou e voltou ao Brasil dizendo que tinha encontrado a sua felicidade ao lado de um moço chamado Juca.

Depois de um mês e pouco, uma noite toca o telefone de novo: 'oi cheguei, tô na Boca da Noite. Vem pra cá'. Eu me vesti e fui. Dessa vez sem tanta pressa. Quando cheguei, ele contava as novidades da viagem pra uma mesa cheia de gente e todos morriam de rir das trapalhadas que ele fez no Velho Mundo. Sentei ali perto e fiquei ouvindo. Ao lado dele tinha um rapaz bonitão a quem ele se dirigia especialmente. Deve ser o novo namorado, pensei. O Mauro tinha morrido há menos de um ano de Aids. Daí a pouco ele me chamou pra mesa dele e fez questão de me apresentar: 'Esse é o Juca, um amigo meu'. Eu tomei dois chopps e fui pra casa ver televisão que eu ganhava mais (LEITE, 2010, p. 155).

Aquele homem a quem ela tanto amava (Charles) e fizera tudo por ele durante os momentos de amizade, farras, diversões, a trocara definitivamente por um rapaz. A dor da solidão retorna e desfecha o livro com o desfecho de toda a cena:

São 2 da manhã. Eu tô falando desde a meia noite sem parar. Meu copo tá todo enebado. Acho que bati as cinzas do cigarro nele sem parar. [...] O pior é que Camilo tá de férias e amanhã eu não vou ter com quem falar. Se ao



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura
menos a empregada tivesse acordada, eu conversaria com ela (LEITE, 2010,
p.157).

A solidão é sempre amenizada pelos cachorros Barão e Princesa, seus únicos e incondicionais amores. A narradora afirma:

Não sei o que seria da minha vida sem esses cachorros. Isso sim é amor de verdade. Esses dois nunca me decepcionam. Eles não dizem que vão ligar e não ligam, que vão vir aqui e não vêm, que me amam e trepam com outra na primeira esquina. Eles são capazes de matar se alguém me fizer mal (LEITE, 2010, p. 157)

É com este teor de nostalgia, decepção e ceticidade que a personagem narradora mostra como encara a vida, os acontecimentos e experiências, desejos, inquietações.

“Alameda Santos” retrata de forma “crua e nua” o pensamento de uma mulher solitária paulistana que recorre a todas as alternativas possíveis e impossíveis para alcançar o amor, a paixão, a liberdade de ir e vir, mesmo que para isso ela tenha que passar por tantas decepções.

Como afirma Silva (2010, p. 201), “[...] a obra de Ivana Arruda Leite é rica, aborda com maturidade a violação de códigos sociais, associada à manutenção de estruturas arcaicas, à medida que problematiza o assunto na representação literária”.

Percebe-se que a solidão é construída paulatinamente em cada fita gravada pela personagem através das narrações decepcionadas da personagem relatando as experiências amorosas, familiares e profissionais sempre queixando-se de que não deram certo. A narradora demonstra uma dependência afetiva do outro e como não encontra o que busca neste outro, a solidão é única companheira. sociais.

A construção da solidão nas narrações deste livro acontece a cada desilusão amorosa da personagem. Ela não conseguiu encontrar o afeto desejado nos ex-namorados, no ex-marido nem no ex-amante, pois os mesmos apresentavam aspectos que não a tornavam feliz em sua plenitude. Como a própria narradora desfecha a sua nona gravação:

Não sei o que seria da minha vida sem esses cachorros. Isto sim é amor de verdade. Esses dois nunca me decepcionam. Eles não dizem que vão ligar e não ligam, que vão vir aqui e não vêm, que me amam e trepam com outra na



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

primeira esquina [...] O Charles foi passar o natal em Ubatuba com o Juca e me disse que me ligava quando voltasse pra gente passar o réveillon juntos [...] Um dia ele vai sentir saudade do meu amor. Um dia eu vou esquecer dele mas ele nunca vai se esquecer de mim. Pelo resto da vida ele vai lembrar do tempo que foi amado por uma mulher que era capaz de matar e morrer por ele. E vai sentir muita falta desse amor, tenho certeza. Vou desligar. Tchau. (LEITE, 2009, 158)

A decepção por não ser vista como aquela que se doou ao máximo pelo outro em busca do amor é traduzida pela tristeza e solidão, pois a narradora coloca que os cachorros são sua única companhia, demonstrando, desta forma, que o peso da solidão recai sobre a personagem.

3 CONSIDERAÇÕES

Ao longo da leitura de “Alameda Santos”, de Ivana Arruda Leite, fica evidente que a solidão é a grande característica da mulher emancipada, aquela que tenta de todas as vias de ser feliz, de encontrar o amor desejado, de tentar equilibrar família, religião, amor, amigos e trabalho.

Trata-se de uma mulher que cumpre seus deveres e reivindica seus direitos de cidadã. Uma mulher transgressora que repudia qualquer tipo de discriminação ou preconceito e tenta desconstruir modelos socioculturais de falso moralismo condenatório do corpo feminino. No dizer de Silva (2010, p. 16) “a natureza intrínseca do Feminino dita a essencialidade do ser e do sentir como mulher, muitas vezes contrariando a ordem sociocultural estabelecida pelo homem porque esse sentir percorre as profundezas do corpo e da mente”.

A dependência afetiva e o não preenchimento desta sensação deixam a personagem narradora mergulhada em seus próprios pensamentos ao lado apenas de seus animais de estimação. Isto mostra a condição solitária de uma mulher emancipada em plena contemporaneidade onde a mulher tem toda a liberdade de ser o que quiser fazer, o que lhe convém, mas que ainda enfrenta esta grande batalha, vencer a solidão e encontrar seu verdadeiro afeto, ou, amor.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

4 REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. **Cultural Studies and the Centre: some problematics.** In: HALL, Stuart et AL (orgs). *Culture, media, language*. Londres: Hutchinson, 1984.

LEITE, Ivana de Arruda. **Alameda Santos**. São Paulo: Iluminuras, 2009.

MAZZONI, Vanilda Salignac. A escrita feminina: em busca de uma teoria. In: **Revista Ramal de Ideias**. N.1, 1998. Disponível em: <http://repositorios.ufac.br/index.php/ramal/article/viewArticle/12>, acesso em 07 de jan. 2010.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: vozes de permanência e poética da agressão**. Campina Grande-PB: EDUEPB, 2010.

_____. Ainda sobre a escrita feminina: em que consiste a diferença? In.: **Revista Interdisciplinar**. Ano 5, v. 10, jan-jun de 2010.

XAVIER, Elódia. Reflexões sobre a narrativa de autoria feminina. In: XAVIER, Elódia (Org.) **Tudo no feminino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.